

VCI do Porto e Saint Exupéry – Por Amaro F. Correia

written by Amaro F Correia | 12 de Janeiro, 2025



“Quando o mistério é demasiado grande, não nos atrevemos a desobedecer”.

A Via de Cintura Interna (VCI/IC23), no Porto, foi, sempre, uma dor de cabeça para os autarcas do distrito e para quem reside próximo: por um lado, que foi mal projetada e por outro, a sua concretização deveria ter perfis adequados ao futuro.

Antes de mais, para não pensarem num *“paraquedista bitaiteiro”*, devo sustentar que sou Tripeiro de Gema, resido no Porto há 60 anos, na Prelada, com janela voltada para a VCI (escassos 30 metros). Há cerca de 25 anos, formamos uma Comissão da VCI, na forma e no conteúdo, descomprometida com partidos, com o objetivo de tornar público o problema e tentar

amenizar o transtorno que a Via infligia a quem vivia por perto. A amizade, entre nós, na Comissão, era fundamental, porque *“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.”*

Daí até a concretização dos radares (negociados por nós, em Coimbra); a limitação de velocidade (90km/h e depois por proposta do IEP, 80km/h, que concordamos); a renovação do piso; a iluminação; a redução de ruído e as famosas barreiras acústicas, que tanto demoraram... Tudo, mas tudo, negociado por nós, com a intermediação do deputado Fernando Jesus, do PS, que dentro das suas possibilidades nos ia abrindo a porta dos Ministérios em Lisboa, para resolver. Um verdadeiro deputado próximo do povo, tal e qual deveriam ser todos. Foi isto e tão só, que nos motivou a desbravar contactos para resolver o problema. Fizemos, na altura, uma visita à VCI com deputados da AR, acompanhados pelo Bernardo Ferrão (ainda muito novinho na SIC); fizemos, ordeiramente, todos, mas todos os contactos para resolver esta questão a favor de quem vivia e sofria com este problema.

A solução que sempre defendemos foi e tão só: enterrar a via, parcial ou totalmente, reaproveitando-se todo o espaço público, disponível para usufruto de quem vive e passa na cidade. Acrescento que, nessa altura, não tínhamos ainda o turismo massivo, que nos dava garantias da resolução deste problema, nem a venda compulsiva da cidade a estrangeiros endinheirados. É importante, para quem não conhece, dizer que a VCI tem um perfil de autoestrada, contorna (anel) a zona central de núcleos urbanos do Porto e Gaia num total de 21 km: 2016 – 30% da população da Área Metropolitana do Porto (AMP), vivia no “interior” do anel da VCI; em 1995 passavam cerca de 135 mil veículos/dia; 126 mil/dia na Ponte da Arrábida e 20 mil/dia na Ponte do Freixo; 2006 a Ponte da Arrábida recebia cerca de 170 mil/dia; a finalização do projeto deu-se em 2007. Hoje, o valor/dia é superior a 250 mil veículos com a mesma configuração da via e aumento exponencial de habitações, sem

qualquer alteração previsível para a proteção do ruído. Em 2007 reunimos com o Secretário de Estado, Paulo Campos, em Lisboa, (deslocações a nossa custa) que nos propôs, presencialmente, uma solução (côncava) de fecho, em barreira acústica, que protegia os edifícios, em altura.

Até hoje, como é normal, pouco foi feito, além da colocação de barreiras acústicas, em partes da Via. Os únicos autarcas que nos apoiaram e se interessaram por esta questão, foi o Presidente Fernando Gomes e o Eng.º. Nuno Cardoso. Nenhum, ao contrário do que foi noticiado, negociou seja o que fosse, ou se interessou por qualquer questão sobre a VCI.

Os “bitaites” de hoje significam e só, imagens de comunicação e nada mais, porque na prática, nada foi feito. Se o problema fosse na Avenida da Boavista ou na Foz, já teria sido resolvido. *“Tornas-te responsável por tudo o que cativares”*.

A VCI foi proposta por Antão Almeida Garret, (imortalizado num arruamento, na Prelada) no PGU da cidade, em 1947. Inicialmente, a proposta abrangia o troço entre a Ponte da Arrábida, ligando a Via Rápida de acesso a Leixões à Via Norte, com acesso a Braga/Viana, fechando em arco, uma ponte mista. Estou em crer, apoiado em estudos comparativos, que após as diligências da Comissão, a VCI deixou de ser uma das estradas mais perigosas do país. O ruído tem sido atenuado com um piso especial, mas os residentes ainda estão sujeitos a decibéis acima do recomendado para a saúde.

As citações aqui descritas são d’ “O Pequeno Príncipe, (Antoine de Saint-Exupéry, 1943), – obra literária mais traduzida e vendida no mundo. Recomendo o livro porque tem muitas ilustrações/frases que carregam mensagens profundas de respeito pela vida, amor, amizades e relacionamentos humanos. A VCI trata disto mesmo. A população residente, criou amizades, obrigou os governantes a respeitarem a vida e a interessarem-se por relacionamentos humanos.

Obrigado ao Jorge Silva, ao Paulo Coelho, à Maria Emília Madureira, à Maria José Pinto e tantos outros que corporizaram o projeto. Ao António Gouveia, do Foco, que apesar de politicamente distante de mim, também esteve presente. É justo. Responsabilizo, diretamente, o BE/Porto, através do deputado municipal, caquético e doentio politicamente, aflito com a visibilidade que demos, insistiu em estagnar o problema, desde 2010. Registo para memória futura, a postura dos políticos, sem eira nem beira, que não se apercebem dos problemas reais. Obrigado deputado Fernando Jesus, que falta fazes ao Porto! Obrigado a todos, mas o tempo passou com pressa.